OUTRAR-SE NA MODA: CRIAÇÃO DE NARRATIVAS PESSOAIS

Autor: Henrique Teixeira Reis
Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design - UFJF

Orientadora: Rosane Preciosa[1]

Resumo

Entendendo a construção de narrativas como um meio de produzir sentidos à existência, este texto procura refletir sobre as várias possibilidades narrativas que encontram na Moda um lugar de expressão. Dentre elas, nos interessa mais especificamente aquelas que chamaremos de instáveis, fluidas e mutantes.

Palavras-chave: narrativas, moda, identidade

Abstract

Understanding the narratives construction as a way to produce meaning to the existence, this article aims to reflect about the many narratives possibilities, which find on fashion a place of expression. Among them, our interest is more specifically those ones who we will call unstable, fluid and mutant.

Keywords: narrative, fashion, identity

1.INTRODUÇÃO

Considerando o papel de destaque que o indivíduo ocupa na contemporaneidade, observa-se como consequência uma necessidade de diferenciação, de criação de uma identidade que permita distinguir este indivíduo frente aos outros, de forma que possa sobressair-se, para que assim ele afirme sua importância.Contudo, é preciso lembrar que no âmbito da moda, a criação de uma identidade, de uma narrativa pessoal, é um fenômeno moderno (LIPOVETSKY, 1989), uma vez que jamais houve, nas sociedades tradicionais, uma exacerbação do *eu* semelhante à existente hoje, visto que essas, ao priorizarem o coletivo, subjugavam o individual.

Nesse contexto de demasiada importância do *eu*, encontra-se na criação de narrativas pessoais, uma maneira de criar significado, dar algum sentido ao funcionamento e à existência do homem (FONTE, 2006). No âmbito da moda, a narrativa pessoal desempenha o papel de âncora, que ajuda a posicionar o indivíduo em algum lugar estável em meio ao imenso fluxo e à efemeridade das informações e das identidades criadas com esse sistema (MOTA, 2008).

E uma vez que existem narrativas categóricas, tomando uma posição incorruptível frente ao vestir, é interessante notar também que, em meio a estas, existem também outras mais fluidas, porosas, que na criação e reprodução de significados dos mais diversos inventam com o auxílio das roupas, identidades mutantes, de

[1] Professora do Instituto de Artes e Design na Universidade Federal de Juiz de Fora e Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ruptura.
Fora da esfera pessoal, temos as narrativas das marcas. É perceptível nos desfiles, campanhas e anúncios, que estas vão produzindo ao longo de suas trajetórias narrativas mutantes. Construindo sentidos diferentes a cada estação, as narrativas destas grifes não são mais do que a prova da efemeridade existente no sistema da moda. É preciso que haja a produção interminável de narrativas, para que estas possam ser substituídas por outras, uma vez que entrem em desuso, e assim sustentar o fluxo econômico desse sistema.
O que ocorre, porém, é que, num desejo de simplificação, ou talvez buscando isentar-se da tarefa de criar a própria narrativa, muitos se apoiam em narrativas "prontas-para-vestir". Na maioria das vezes abdicam de um gosto pessoal, de sua própria narrativa, para substituí-la por outra que lhe é vendida. Ao invés de se responsabilizarem por suas escolhas estéticas, que externalizem e afirmem sua identidade visual, se apóiam nos discursos padronizados que circulam socialmente e que pretendem selecionar em diferentes instâncias, o que é aceitável e o que não é.
Um exemplo dessa abstenção pode ser visto na recente febre das "it-peças": artefatos que diferenciariam seus usuários em meio à multidão, tornando-os não simples pessoas, mas sim "it-pessoas". O contraditório, porém, vem do fato de que para afirmar essa individualidade, as pessoas optam por peças pré-codificadas, ao invés de construírem por si próprias os significados que as diferenciariam. Estariam comprando uma originalidade pré-moldada socialmente, com características gerais que já são consensuais.
Logo se percebe que é nas narrativas alternativas, mutantes, inconstantes, instáveis que esse padrão é corrompido. Tão necessárias para a renovação do sistema de moda, tais narrativas inconstantes parecem ter como lema uma frase , certa vez dita pela estilista Elsa Schiaparelli: "What would I like to be in another life if that could happen?" (O que eu gostaria de ser em outra vida, se isso fosse possível?). Narrativas produzidas por pessoas que, ultrapassando os limites impostos, conseguem em meio à cobrança de uma narrativa íntegra, construir e externar personagens através do vestir.

2. A IDÉIA DE OUTRAR-SE: MUTAÇÕES POSSÍVEIS

Não seguindo os padrões como citado anteriormente, as pessoas que criam essas narrativas tão singulares, dão vida e sentido ao verbo lusitano "outrar-se", definido como: *"Fenómeno de fazer-se outro, de adoptar várias personalidades, dando-lhes vida e independência.(...) deixar-se contagiar por algo de sentido novo e diferente (por exposição a culturas, climas, linguagens, pensamentos...), deixando-se transformar num ser novo, distinto, que veste uma nova personalidade ou forma de estar no mundo".*(INFOPÉDIA, 2010)
Por insatisfação, ou mesmo por um simples desejo de mudança, certas pessoas sabotam as expectativas de cumprir à risca um papel. Rompem com o dado criando narrativas particulares que, em constante mudança, desviam de estabilidades e lugares-comuns do vestir. Logo, percebe-se a importância de tal verbo para a explanação desse comportamento, uma vez que fala de uma atitude metamórfica.
A subcultura japonesa dos crossdressers, por exemplo, onde pessoas vestem-se de acordo com a indumentária do sexo oposto, sem necessariamente serem homossexuais. É possível perceber a ruptura da realidade realizada por tais pessoas, ao negaram pressupostos sociais e mesmo biológicos pelos quais são

regidas. Sendo assim, se permitem realizar um transitar ilimitado entre o guarda-roupa masculino e feminino, sem que haja repressões ou impossibilidades quanto a vestir determinada peça, ou determinado acessório.

Figura1: Atendentes de um restaurante temático crossdresser em Tókio
Fonte: http://inventorspot.com/articles/male_maids_serve_it_japans_first_crossdressing_maid_cafe_35841

Além desses, já nos séculos XVIII e XIX, os Dândis manifestavam esse transitar libertino entre as roupas. Extremamente preocupados com a aparência externada, procuravam vestir-se tal qual a classe aristocrata, mesmo que na maioria das vezes não pertencessem a ela e, em alguns casos, não tivessem meios para sustentar tal aparência. Porém, para os Dândis tais atos eram justificados, pelo desejo de construir, através de um vestuário impecável, uma narrativa pessoal que transformasse suas vidas em uma obra de arte (ERNER, 2005, p.240).

Retomando a idéia de criação de moda por parte das grandes marcas, uma vez que a narrativa mutante é lugar-comum nelas, esse “outrar-se” é perceptível em desfiles que não levam tão a sério estereótipos muito recorrentes no mundo da moda, tais como: beleza, poder, elegância e requinte. Em tais desfiles, o rigor e a formalidade são substituídos por uma atmosfera do lúdico, do imaginativo e do descompromisso com “obrigações de moda”. Nesses casos a roupa passa a ser também uma espécie de gatilho para novos pensamentos e reflexões.

Um exemplo de desfiles assim é o da coleção mais recente da Comme des Garçons, grife de Rei Kawakubo. Já diferindo por escolher massas de pão e macarrão como ponto de partida, uma vez que Rei tinha uma maníaca obsessão com um restaurante de massas dos EUA. Percebe-se na coleção uma abordagem dos volumes completamente diferente da habitual, uma vez que esses não seguem as configurações de uma “modelagem ideal” do corpo feminino, chegando por vezes a distorcê-lo. Os volumes e formas não foram pensados a partir de corpos humanos, mas tomando as massas como impulso poético para a criação do desfile.

Figura 2: Desfile Comme Des Garçons Outono/Inverno 2010
Fonte:http://www.style.com/fashionshows/complete/F2010RTW-CMMEGRNS

Assim como Kawakubo, existem outros estilistas que bagunçam as imposições do sistema de moda, fazendo de suas criações mais uma sugestão do que uma ordem. Nomes como Walter Van Beirendonck, Alexander McQueen, Yohji Yamamoto, Issey Miyake e Hussein Chalayan têm suas roupas como indicações de outras possibilidades do vestir.

3. DISCUSSÃO

Sabendo que a coerência de uma narrativa organiza e dá sentido ao nosso funcionamento cotidiano, entende-se o porquê do estranhamento que muitas pessoas têm frente a figuras que externem suas narrativas tão plurais, diferentes, e por vezes incompreensíveis.

Deve-se lembrar, porém, que estas são indispensáveis para o sistema da moda, pois, sem elas não haveria rupturas que possibilitassem novas criações, novos devaneios. Mesmo que algumas de suas características possam ser adotadas futuramente como padrão pela sociedade, é pelo ato pioneiro de ser além do que lhes é imposto, que essas pessoas abrem horizontes para novas formas do vestir e mesmo novos comportamentos. Modificam, ao mesmo tempo, os preceitos da moda e da sociedade.

Referências Bibliográficas

ERNER, Guillaume. **Vítimas da Moda**. São Paulo: Senac São Paulo, 2005

FONTE, Carla A. **A narrativa no contexto da ciência psicológica sob o aspecto do processo de construção de significados.** *Psicol. teor. prat.* [online]. dez. 2006, vol.8, no.2 [citado 11 Maio 2010], p.123-131. Disponível na www: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872006000200009&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1516-3687.)

LIPOVETSKY, Gilles. **Império do Efêmero.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989

MOTA, Maria Dolores de Brito. **Moda e subjetividade: corpo, roupa e aparência em tempos ligeiros.** Ago-Dez. 2008. Disponível em:

http://www.ceart.udesc.br/modapalavra/edicao2/files/moda_e_subjetividade-maria_dolores.pdf. Acesso em: 20 abr. 2010

outrar-se. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2010..Disponível na www: <URL: http://www.infopedia.pt/$outrar-se>. Acesso em: 11 mai. 2010